

## A literatura sick-lit no mercado editorial brasileiro<sup>1</sup>

Daniele da Silva Garcez Novaes<sup>2</sup>

Isabel Travancas<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Este trabalho apresenta a categoria *sick-lit* como um novo gênero do mercado editorial. A partir das listas anuais de livros mais vendidos da revista *Veja* (1999-2019) e do site *Publishnews* (2010-2019), identificamos que esses romances jovens sobre doenças começaram a se destacar na segunda década do século XXI. Partindo da perspectiva da doença como uma construção social, analisamos o livro inaugural dessa nova onda temática, *A Culpa é das Estrelas*, de John Green (2012). O sucesso desses livros na contemporaneidade pode ser compreendido como expressão do desejo de jovens de encontrarem uma resposta e uma identificação através das histórias tristes e dramáticas de personagens que se deparam com a doença e a proximidade da morte em sociedades contemporâneas.

**Palavras-chave:** produtos editoriais; best-seller; doença; sick-lit; leitor.

### Introdução

A literatura voltada para o público jovem vem ganhando novas feições. O jornalista e professor Pedro Almeida diferencia os livros “juvenis” dos livros “para jovens adultos” a partir de suas propostas. Enquanto os primeiros “são comprados ou indicados por adultos, sejam pais (nas livrarias e pontos de varejo), professores e diretores (em escolas) ou técnicos e especialistas em pedagogia (em programas de governo)”, os livros jovem-adulto “são escolhidos e comprados pelos jovens, diretamente no varejo convencional, como livrarias”<sup>4</sup>.

O termo *Young Adult* surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, a partir de sucessos de vendas como *The Outsiders: Vidas Sem Rumo*, de Susan E. Hinton (1967), e *The Contender*, de Robert Lipsyte (1967). Para Michael Cart (2001), autor estadunidense

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do PPGCOM da Escola de Comunicação da UFRJ, cientista social pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ e especialista em Comunicação e Saúde pelo ICICT/Fiocruz. E-mail: [danielenovaes@gmail.com](mailto:danielenovaes@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora da Pesquisa. Professora associada do PPGCOM da Escola de Comunicação da UFRJ, jornalista pela PUC-Rio, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ e doutora em Literatura Comparada pela UERJ. E-mail: [isabeltravancas@gmail.com](mailto:isabeltravancas@gmail.com).

<sup>4</sup> ALMEIDA, P. Censura aos livros infantojuvenis. *Publishnews*, 18/11/2019. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2019/11/18/censura-aos-livros-infantojuvenis>>. Acesso em: 29/08/2020.

especialista em literatura infantil e jovem-adulto, esses livros marcaram a abertura do gênero como “ficção realista para jovens” e fizeram parte da primeira era de ouro da literatura jovem-adulto. Segundo Maia Mertz (1978), da *Ohio State University*, esse “novo realismo” ficou conhecido por abordar temas como uso de drogas, bebidas, sexo, mortes, doença, suicídio e abusos; e sofreu censura de grupos mais conservadores.

A socióloga Julie Elman (2012) identifica a década de 1980 como um período marcado pelo número expressivo de publicações de livros para o público feminino adolescente apresentando histórias de amor com protagonistas doentes. Elman afirma que essas narrativas foram construídas em um momento em que os Estados Unidos viviam a ascensão do “novo conservadorismo”. Para ela, o surgimento desse gênero de livro foi uma resposta ao movimento liberal social pós-1968 e às mudanças econômicas pós-fordistas em favor de uma indústria de serviços que transforma as emoções em *commodities* (ELMAN, 2012).

Em paralelo, o mercado de livros no Brasil também sofreu transformações com o objetivo de absorver as demandas de formação desse “novo público”. Assim como a literatura estrangeira, livros para crianças e jovens no Brasil foram produzidos muito antes de ser instituída uma classificação. O início do processo de segmentação do mercado ocorreu na década de 1960, em decorrência das transformações sociais e econômicas que fortaleceram a cultura juvenil.

A associação da infância e da adolescência à doença e à deficiência era algo que precisava ser evitado ou ocultado e não condizia com a visão de inocência dessa fase da vida. Segundo Gabriela Luft, professora de literatura, a produção literária endereçada ao público jovem na década de 1980 no Brasil foi marcada por narrativas em que a “imagem exemplar da criança obediente e passiva é suplantada pela criança capaz de rebeldia e de ruptura com a normatização do mundo dos adultos” (LUFT, 2010, p. 113). A literatura infantojuvenil acompanhou o movimento que rompeu com a estratégia de ocultamento da realidade transformando a noção/ideia da doença.

Outra mudança que diz respeito ao mercado literário é a segmentação da literatura infantil e juvenil em subgrupos. Para Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017), esse processo ocorreu de forma progressiva no século XXI e abriu espaço para a criação de uma série de categorias de livros destinados a públicos específicos: “Parece bastante

intensa a demanda editorial por obras destinadas a certas faixas etárias, focalizando determinadas temáticas ou ainda transcorrendo em ambientes ou espaços por alguma razão tornados relevantes” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2017, p.72).

O termo *sick-lit* foi criado por Elman (2012) para analisar uma determinada literatura produzida na década de 1980 que falava sobre doenças para adolescente. No entanto, a categoria foi apropriada pelos jornais e pelo mercado editorial para classificar romances jovens contemporâneos em que personagens enfrentam algum problema de saúde.

A expressão começa a circular após a repercussão de uma matéria da jornalista Tanith Carey publicada no *Daily Mail* em 3 de janeiro 2013<sup>5</sup>. Carey afirma que esses livros fazem parte de um fenômeno perturbador e culpa os editores por explorarem doenças terminais e suicídio através da romantização e banalização desses temas. Em resposta, Michelle Pauli<sup>6</sup>, editora da seção de livros do *The Guardian*, critica a postura conservadora do *Daily Mail* por defender uma literatura jovem higienizada. Para Pauli, a doença, a depressão e a sexualidade fazem parte da vida dos adolescentes, tanto através do contato com pessoas próximas quanto de suas representações em outras mídias.

### ***Sick-lit* no Brasil**

A discussão sobre *sick-lit* chegou ao Brasil através do jornalista André Miranda<sup>7</sup> em conversa com editoras brasileiras para apresentar um panorama sobre a questão. Para Julia Schwarcz, editora do selo jovem da *Companhia das Letras* na época, o livro não é a única forma de contato do jovem com esses temas e a editora não acredita que livros possam fazer algum mal diretamente. Danielle Machado, editora da Intrínseca, não concorda com a ideia de “que um livro paute as escolhas de um leitor. As pessoas já têm as tendências

---

<sup>5</sup> CAREY, T. The 'sick-lit' books aimed at children: It's a disturbing phenomenon. Tales of teenage cancer, self-harm and suicide... *Daily Mail*, 3/01/2013. Disponível: <<https://www.dailymail.co.uk/femail/article-2256356/The-sick-lit-books-aimed-children-Its-disturbing-phenomenon-Tales-teenage-cancer-self-harm-suicide-.html>> Acesso em: 16/08/2020.

<sup>6</sup> PAULI, M. 'Sick-lit'? Evidently young adult fiction is too complex for the *Daily Mail*. *The Guardian*, 04 jan 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2013/jan/04/sick-lit-young-adult-fiction-mail>> Acesso em: 16/08/2020.

<sup>7</sup> MIRANDA, A. 'Sick-lit', a nova e polêmica literatura para adolescentes. *O Globo*. 21/02/2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/sick-lit-nova-polemica-literatura-para-adolescentes-7633735>>. Acesso em: 01/07/2019.

delas, independentemente da história que vão ler. E, além do mais, *sick-lit* é um termo muito ruim. Parece uma piada” (*ibid*).

No *YouTube*, encontramos leitores que se propõem a falar e a definir esse tipo de literatura. Conhecidos como *booktubers*, esses usuários têm como objetivo compartilhar suas opiniões sobre suas leituras. No cenário brasileiro, em um vídeo com mais de 2 mil visualizações, a *booktuber* Bruna Miranda busca esclarecer *O que é sick lit?*:

*Sick Lit* é um gênero literário recente. Literalmente, *sick*, quer dizer doente ou doença, e *lit*, literatura. Então, é uma literatura de doenças, uma literatura enferma. Esse gênero agrupa todos os livros em que o personagem tem alguma doença, seja ela física ou psicológica. A maioria dos livros trata de depressão, anorexia, tendências suicidas, mas também tem casos de doença física ou alguns distúrbios, ou algo do tipo.<sup>8</sup>

Ela cita alguns exemplos, como seu livro favorito, *It's Kind of Funny Story*<sup>9</sup>, de Ned Vizzini (2006), que fala sobre depressão e tendências suicidas através de “uma história muito bonita e bem forte também”. Bruna Miranda atribui as críticas ao gênero a jornais e pessoas conservadoras que, provavelmente, “acreditam que jogos violentos tornam as pessoas violentas”. A *booktuber* afirma:

O objetivo não é mostrar a doença da pessoa e do personagem e, sim, como superar isso, como lidar com isso diariamente. Ao meu ver, os livros acabam sendo meio que motivacionais e, principalmente, são livros inclusivos, principalmente, para pessoas que têm deficiências físicas ou sofrem de algum desses problemas, como depressão ou anorexia, a buscarem ajuda e se compreenderem mais. Em muitos casos, essas pessoas não querem buscar ajuda pela vergonha de sentirem essas coisas e podem encontrar uma ajuda muito boa nos livros e na literatura.<sup>10</sup>

A editora brasileira Rocco, por exemplo, disponibiliza em seu site uma página denominada “Sick Lit” com um pequeno texto explicativo sobre essa “nova” literatura:

Polêmica, multifacetada... necessária. A chamada sick-lit ganhou fama após o sucesso de livros como *As vantagens de ser invisível*, de Stephen Chbosky, e *A*

---

<sup>8</sup>MIRANDA, B. O que é sick lit? 2016. (1m51s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xgkim6QSnHE>>. Acesso em: 14 ago 2020.

<sup>9</sup>No Brasil, o livro foi publicado pela editora Leya com o título *Um História Meio que Engraçada* em 2015. Ned Vizzini sofria de um quadro depressivo e morreu por suicídio em 2013. Esse livro foi inspirado na própria experiência do autor, que foi hospitalizado por depressão em 2004.

<sup>10</sup>*Ibid*.

*culpa é das estrelas*, de John Green. Mas muitos se perguntam se é recomendável falar abertamente com os jovens sobre doenças graves, depressão, distúrbios emocionais, tentativas de suicídio e outros temas espinhosos. E por que não? Se a literatura é capaz de nos levar a viver vidas diferentes e conhecer novos mundos, ela também tem o poder de nos conectar com o que há de mais nobre e mais sombrio em nós mesmos. Ao optar por histórias que vão muito além do final feliz, protagonizadas por personagens que compartilham muitas das angústias e dores dos adolescentes, escritores talentosos dizem ao leitor que ele não está sozinho, mostrando como outros jovens lidam com seus problemas, e podem fazer a diferença na vida de muita gente. Quer final mais feliz que esse?<sup>11</sup>

Em 2019, ao analisarem os livros *A mais pura verdade*, de Dan Gemeinhart (2014), *Fora de mim*, de Sharon M. Draper (2010) e suas recepções entre leitores no *Skoob* — rede social digital brasileira para leitores — as pesquisadoras Rosa Silveira e Bruna Silveira (2019) afirmam que os autores desse gênero utilizam de estratégias narrativas e textuais que tornam a leitura acessível e apostam na verossimilhança para capturar o interesse dos leitores. Elas encontram muitos leitores que mencionam, de forma positiva, o caráter emotivo do livro.

### **A doença como metáfora e como ficção**

A experiência pessoal de cada indivíduo exerce um papel importante na singularização e na construção dos sentidos de uma doença. No entanto, é preciso levar em consideração que também há uma série de fatores sociais, culturais e históricos que contribuem para uma visão subjetiva da doença. A intelectual Susan Sontag (1977) descreve a saúde e a doença como reinos onde temos “dupla cidadania”, ou seja, todos vivenciamos um lado e outro ao longo de nossas vidas.

Ao escrever o livro *Doença como metáfora*, em 1977, Sontag denuncia como as figuras e as metáforas contribuem para a formação de estereótipos e de estigmatização de pessoas doentes, principalmente, no que diz respeito a “doenças misteriosas” — a tuberculose, no século XIX, e o câncer, a partir do século XX. Em diversas épocas, teorias psicológicas, religiosas e de ordem moral buscaram responder o que a medicina tradicional não era capaz.

---

<sup>11</sup> ROCCO. Sick lit. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/lojaespecial/especial-sick-lit/>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

Quando a doença é interpretada como um fato psicológico: “as pessoas são incentivadas a crer que adoecem porque (de forma inconsciente) querem adoecer e que podem curar-se mediante a mobilização da vontade; que podem optar por não morrer da doença” (SONTAG, 1977, p. 45). A psicologização da doença desloca sua responsabilidade para o indivíduo, que passa a ser “culpabilizado” e julgado por não conseguir gerenciar sua própria saúde, cabendo apenas a ele o restabelecimento do equilíbrio da vida.

A noção de doença individual contribuiu para a construção da distinção e da promoção do *eu* como imagem. Segundo Sontag (1977), em alguns períodos da história, a doença tornava a pessoa mais “interessante”. A pensadora norte-americana destaca, por exemplo, o papel da literatura na romantização da tuberculose e na formação do imaginário popular da doença como um sinal de refinamento e sensibilidade, assim como a compreensão do câncer como uma doença que “se espalha” e toma conta do corpo do paciente contribuiu para a absorção de metáforas militares para se referir ao seu “combate”, como para o uso da própria doença como metáfora para sintetizar o “mal” na sociedade.

Para Sontag, a questão central é que todo esse imaginário mascara a realidade: “Minha tese é que a doença não é uma metáfora e que a maneira mais fidedigna de encarar a doença — e a maneira mais saudável de estar doente — é aquela mais expurgada do pensamento metafórico e mais resistente a ele” (SONTAG, 1997, p. 5).

Certamente o surgimento do termo *sick-lit* e a popularização dessas narrativas estão atrelados ao contexto contemporâneo em que a saúde ganha centralidade na vida dos sujeitos (ROSE, 2001). Ao classificar essas narrativas como uma “literatura doente”, podemos constatar a ligação da literatura jovem com as transformações dos significados de saúde e doença.

Como vimos até aqui, as narrativas *sick-lit* adotam “estratégias sensíveis” para dialogar com seus leitores. Para o teórico da comunicação Muniz Sodré, esse conceito serve “para nos referirmos aos jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem” (SODRÉ, 2006, p. 10). Comparando as estratégias discursivas a um jogo da comunicação, Sodré acredita que a

dimensão do sensível ao implicar uma estratégia de aproximação das diferenças, dá conta da relação comunicativa através das subjetividades dos interlocutores (SODRÉ, 2006).

Sodré trabalha com a perspectiva de uma nova dimensão da vida, onde as “novas tecnologias do social nos impõem, não apenas no plano intelectual, mas também nos planos territoriais e afetivos (...) a dimensão sensível” (SODRÉ, 2006, p.12), levando-nos a indagar sobre como esses signos administram o afeto coletivo e promovem um encaminhamento político de nossas emoções (SODRÉ, 2006, p. 15).

A principal estratégia adotada nesses livros é a catarse que, muitas vezes, pode ser confundida com “gatilho” por alguns leitores. Este é um recurso muito utilizado em *best-sellers* voltados para o público jovem. A catarse “pode ser entendida como uma espécie de purgação, que permite a identificação com os sofrimentos do personagem” (TRAVANCAS, 2013, p. 90-91). A literatura não é um consumo passivo, mas sim um processo dinâmico de produção e recepção na dinâmica entre autor, obra e público, inseridos em práticas leitoras que ajudam a conhecer e entender uma sociedade ou uma época através do seu acesso à história e à cultura (TRAVANCAS, 2013).

O gênero *sick-lit* está inserido em um processo de midiatização que permite “um novo modo de presença do sujeito no mundo” (SODRÉ, 2013, p. 24). E a relação dos leitores com estes livros produz uma relação de subjetivação, e também possibilita uma reflexão sobre “um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, portanto, outros parâmetros para a constituição das identidades pessoais” (SODRÉ, 2013, p. 23).

### **A doença em *best-sellers* para jovens**

Decidimos analisar o surgimento das narrativas sobre doença na literatura jovem contemporânea a partir das listas anuais dos livros mais vendidos no Brasil entre 1999 e 2019. Com o objetivo de observar as mudanças no cenário dos *best-sellers* brasileiros foram consultados os acervos da revista *Veja* e do portal *PublishNews*. Diferentemente da *Veja*, o *PublishNews* sempre adotou a categoria infantojuvenil em seu *ranking*, que é divulgado desde 2010 e, cada categoria no portal apresenta vinte colocações, enquanto na revista *Veja* são dez.

Na virada do século, de 1999 para 2000, o número de livros jovens nessa lista mais “genérica” de ficção da revista *Veja* pulou de zero para três. No ano seguinte, *Harry Potter* ocupou as quatro primeiras colocações e, apesar de em alguns anos ter apenas um

título, em 2010, a literatura jovem tinha seis colocações. O dado decisivo para a criação de uma nova categoria parece ter sido o fato de a lista de 2014 ter tido nove das dez colocações ocupadas por obras destinadas ao público jovem. Após a criação da categoria infantojuvenil, os livros da literatura jovem não apareceram mais na lista de ficção geral, ficando restritos à lista do seu *nicho*.

No início dos anos 2000, ocorre o primeiro “pico” dessa nova literatura jovem *best-seller* nas listas anuais de ficção, marcado pela popularização da série *Harry Potter*, da autora britânica J. K. Rowling. Entre 2008 e 2010, a fantasia ainda era o gênero predominante na literatura jovem mais vendida e despontava nessas listas. Já entre 2013 e 2015 identificamos a diminuição do protagonismo da fantasia e uma maior pluralidade de gêneros. Nesse mesmo período, os romances para jovens atingiram o seu ápice nos *rankings* dos mais vendidos de ficção, tanto na *Veja* (que ainda não tinha a categoria infantojuvenil), como na própria *Publishnews* (que, apesar de ter uma categoria infantojuvenil, incluiu essas obras na lista de ficção)<sup>12</sup>.

A revista *Veja* apresentou até 2015 apenas três categorias em sua lista: “ficção”, “não-ficção” e “autoajuda e esoterismo”. A inclusão da categoria infantojuvenil só ocorreu em 2016 e ela expressa o reconhecimento da força que esses livros tiveram no mercado brasileiro, segundo nota dos editores publicada junto à lista dos mais vendidos daquele ano. Nesse levantamento pudemos observar que a criação da categoria infantojuvenil só ocorreu quando esses livros ocuparam o espaço de outros *best-sellers* de ficção.

Quando analisamos as listas de livros para jovens, esse quadro muda um pouco, mas a tendência permanece a mesma. Isso ocorre porque, apesar dos livros jovem-adultos não concorrerem com os livros de ficção geral, eles dividem as posições com os infantis. Os romances jovem-adultos começam a aparecer na lista de infantojuvenil a partir de 2012, mesmo ano em *A Culpa é das Estrelas* se torna um *best-seller* mundial. Em 2013 e 2014 estes romances crescem de forma significativa, mas só voltam a ocupar um número relevante de posições de 2018 e 2019.

---

<sup>12</sup> Segundo a *Publishnews* as livrarias são responsáveis por enviar as listas dos 20 livros mais vendidos das categorias (geral, ficção, não-ficção, autoajuda, infantojuvenil e negócios) e cada título é considerado em apenas uma delas. No entanto, não há maiores explicações do motivo para os livros infantojuvenis estarem em outras categorias.

Considerando as listas de ficção e infanto-juvenil encontramos 15 títulos de romances jovem-adulto *best-sellers* e, entre eles, identificamos seis *sick-lits*. Todos tiveram os seus direitos vendidos para produção de adaptações audiovisuais o que impulsionou as suas vendas.

*Os Treze Porquês*, de Jay Asher (2009), conta a história de um jovem que recebe treze fitas de uma colega da escola que cometeu suicídio. Nas fitas ela denuncia as situações e os responsáveis por a terem levado ela a essa decisão trágica. O livro, publicado no Brasil em 2009 pela editora Ática, só apareceu nas listas dos mais vendidos no ano do lançamento da primeira temporada da série homônima em 2017. Com uma proposta narrativa similar, *As Vantagens de Ser Invisível*, de Stephen Chbosky (2007), reúne as cartas de um adolescente depressivo endereçadas postumamente a um amigo que cometeu suicídio. O romance só se tornou um *best-seller* no mercado nacional cinco anos depois do seu lançamento devido ao sucesso da sua adaptação para os cinemas.

Dois desses livros — *Se Eu Ficar* e *A Cinco Passos de Você* — têm o ambiente hospitalar como cenário de suas histórias. *Se Eu Ficar*, de Gayle Forman foi publicado pela primeira vez pela editora Novo Conceito em 2014 — mesmo ano do lançamento de sua adaptação cinematográfica — e, posteriormente, em 2019, foi publicado pela Editora Arqueiro. O romance narra a história de uma jovem que entra em coma após um acidente de carro e passa a acompanhar os esforços dos médicos para salvar a sua vida. Enquanto ela recapitula momentos do passado, precisa decidir se ainda vale a pena viver. Segundo a Editora Arqueiro, o livro teve 5 milhões de exemplares vendidos em 40 países. Já *A Cinco Passos de Você*, de Mikki Daughtry, Rachael Lippincott e Tobia Iaconis, narra o romance adolescente entre dois jovens com fibrose cística. A doença exige como protocolo que os pacientes permaneçam a seis passos de distância de outras pessoas. No entanto, o casal resolve diminuir um passo.

A principal referência de livros juvenis sobre doença é John Green. Ele aparece nesse levantamento com dois livros. *A Culpa é das Estrelas* (2012) é considerado o *best-seller* inaugural dessa nova onda de romances realistas sobre doença. Publicado no Brasil pela editora Intrínseca, a narrativa sobre jovens com câncer figurou nas listas de mais vendidos da revista *Veja* e do portal *Publisnews* nos anos de 2013, 2014 e 2017. O sucesso

de vendas também pode ser atribuído à adaptação cinematográfica homônima que estreou nos cinemas em 2014.

O segundo livro, *Tartarugas Até Lá Embaixo*, de 2017, entrou nas listas do mesmo ano com uma história sobre uma menina de 16 anos que precisa lidar com o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) — transtorno mental, que segundo a editora Intrínseca, afeta o autor desde a infância. A jovem embarca em uma investigação sobre o sumiço de um milionário com sua melhor amiga. O título faz referência à espiral de pensamentos da personagem devido ao seu transtorno e foi tirado de uma adnota contada por Stephen Hawking sobre o infinito do universo.

Nessa amostra, nota-se a recorrência de livros sobre transtornos mentais na lista de mais vendidos. Quatro deles abordam essa temática de forma central ou secundária. Outra situação recorrente é a proximidade com a morte. Quando os personagens não estão lidando com casos de suicídio, as obras tratam de doenças terminais, câncer, fibrose cística e coma induzido.

Ainda que não haja livros *sick-lit* nacionais em listas de livros mais vendidos, é possível identificar algumas produções brasileiras que abordam a temática de doenças e transtornos mentais em suas narrativas, como: *O Céu Sem Estrelas*, de Iris Figueiredo (2018); *Antes de Tudo Acabar*, de Mary C. Müller (2017); *Como Eu Imagino Você*, de Pedro Guerra (2017) e *O Garoto Quase Atropelado*, de Vinícius Grossos (2015).

### **A Culpa é das Estrelas, John Green – um breve estudo de caso**

Os romances jovem-adultos publicados a partir dos anos 2000 estão inseridos em um contexto multimidiático em que essas narrativas não se encerram nas páginas dos livros. Eles viram produtos audiovisuais e circulam nas redes sociais através de resenhas, postagens de fãs e do próprio autor, neste caso, John Green. Além disso, o escritor já tinha um público próprio formado graças ao seu romance de estreia, *Quem é você Alasca?* (2005), ao seu canal no YouTube, e as suas quatro outras publicações. Esses fatores contribuíram para impulsionar as vendas desde o anúncio do lançamento do livro.

Hoje podemos identificar *A Culpa é das Estrelas* como a principal referência da literatura jovem contemporânea sobre doenças. Publicado nos Estados Unidos pela editora Penguin Random House em janeiro de 2012, o livro teve os seus direitos vendidos no mesmo ano para Fox 2000 Pictures para uma adaptação homônima. O longa-metragem

chegou aos cinemas em 2014 e obteve enorme sucesso, arrecadando mais de 307 milhões de dólares em todo o mundo<sup>13</sup>. Nesse mesmo ano, foram vendidos 1,8 milhões de livros de bolso, mais de 900 mil exemplares cuja capa trazia a imagem do filme e mais de 700 mil edições em capa dura<sup>14</sup>. No Brasil, o livro foi lançado pela editora Intrínseca em julho de 2012 e também teve as suas vendas impulsionadas pela estreia do filme, ultrapassando a marca de 1 milhão de exemplares vendidos em julho de 2014<sup>15</sup>.

O romance conta a história de Hazel Grace Lancaster, uma jovem de 16 anos, que tem câncer terminal de tireoide com metástase nos pulmões. No livro, narrado em primeira pessoa, ela vive uma história de amor em meio a busca por respostas sobre o final do seu livro favorito.

Ao frequentar um grupo de apoio para jovens com câncer, Hazel conhece Augustus Waters (ou Gus). O jovem perdeu uma das pernas por causa de um câncer ósseo que estava em remissão há mais de um ano. Ambos compartilham um humor ácido, inteligente e cheio de metáforas quando falam sobre a vida, a morte e suas doenças. Augustus, ao andar com um cigarro apagado entre os dentes, diz “você coloca a coisa que mata entre os dentes, mas não dá a ela o poder de completar o serviço” (Green, 2012, p. 16).

A tríade perda-luto-memória surge em diversos momentos ao longo da narrativa, onde acompanhamos a busca de Hazel por respostas para o final abrupto do seu livro favorito, *Uma Aflição Imperial*, de Peter Van Hosten. A obra conta a história de uma jovem diagnosticada com leucemia e deixa em aberto o que aconteceu com os outros personagens da história. Após sua leitura, Gus entra em contato com o misterioso e recluso autor, Van Hosten, que convida Hazel e Augustus para visitá-lo na Holanda.

A partir desse ponto a história sofre uma série de reviravoltas. Em um piquenique, Augustus revela que usará o seu desejo oferecido pela Fundação Gênio para levá-los até Van Houten. Mas o quadro clínico de Hazel piora, obrigando-os a adiarem a viagem.

---

<sup>13</sup> IMBD. *A Culpa é das Estrelas* (2014). Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt2582846/>>. Acesso em: 10/10/2020.

<sup>14</sup> PUBLISHERS WEEKLY. The Bestselling Books of 2014. Disponível em: <<https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/industry-news/bookselling/article/65171-the-fault-in-our-stars-tops-print-and-digital.html>>. Acesso em: 12/10/2020.

<sup>15</sup> VEJA. Filme “A Culpa é das Estrelas” impulsiona venda dos livros. 15/07/2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/filme-a-culpa-e-das-estrelas-impulsiona-venda-do-livro/>>. Acesso em: 12/10/2020.

Somente após a melhora do estado de saúde da jovem, com o aval médico e uma série de condições específicas, eles são liberados para realizar a viagem na companhia da mãe de Hazel.

O objetivo principal da viagem - encontrar o autor do livro – foi frustrado porque ele não só os desprezou como se recusou a dar uma resposta sobre o final do livro. Mas a viagem proporcionou ao jovem casal um jantar romântico, o primeiro beijo e a perda da virgindade de Hazel. Ou seja, a viagem representou para ela a oportunidade de experimentar um pouco de liberdade e se afastar do seu cotidiano cheio de restrições médicas. No entanto, o fim da viagem levou a jovem de volta à realidade ao ouvir de Gus que o câncer do rapaz havia se espalhado: “eu acendi como uma árvore de Natal, Hazel Grace. Dentro do tórax, o lado esquerdo do meu quadril, meu fígado, tudo” (Green, 2012, p. 194).

Até então a história dava a entender que o estado de saúde de Hazel era bem mais frágil do que o do namorado, mas, na terceira parte há uma piora rápida de Augustus. Antes de morrer, o jovem organiza um pré-funeral para ouvir os elogios fúnebres que seus amigos fariam em seu enterro. O livro termina com uma carta escrita por Augustus para Van Houten, na qual pede ajuda ao autor para escrever um elogio fúnebre para a namorada (carta que Hazel teve acesso posteriormente através da assistente do autor). Gus fala sobre as marcas que deixamos no mundo para sermos lembrados após a morte e problematiza as escolhas que fazemos em nossas vidas.

Com o título *A Culpa é das Estrelas*, John Green busca desconstruir a noção de doença como uma consequência das ações e escolhas do indivíduo. Para expressar seu objetivo o autor cita *Júlio César*, de William Shakespeare, em uma das cartas de Van Houten:

(...) é da natureza das estrelas se cruzar, e nunca Shakespeare esteve tão equivocado como quando fez Cássio declarar: “A culpa, meu caro Bruto, não é de nossas estrelas / Mas de nós mesmos”. Fácil falar quando se é um nobre romano (ou Shakespeare!), mas não há qualquer escassez de culpa em meio às nossas estrelas. (GREEN, 2012, p. 106)

Este livro é um exemplo de sucesso de publicações em que a saúde e a doença ganham centralidade na vida de seus protagonistas e apresentam vivências de novas subjetividades somáticas. John Green traz uma outra perspectiva do câncer que se

distancia da estigmatização da doença, denunciada por Susan Sontag (1977). Inclusive, em resposta a um leitor em seu site, ele afirma que o pensamento de Sontag molda a maneira como ele entende a doença<sup>16</sup>.

O autor coloca elementos verossímeis na narrativa como a descrição da rotina médica e as limitações que envolvem a vida das pessoas com a doença para contar a história de adolescentes com câncer. John Green se afasta de metáforas negativas que inibem a compreensão e a busca por tratamento. No entanto, ele lança mão de elementos ficcionais para inventar novas possibilidades de sobrevivência. Um exemplo é o tratamento realizado por Hazel que, segundo o autor, “infelizmente”, ainda não existe.

A história narrada em primeira pessoa dá ao leitor a possibilidade de acompanhar Hazel, seu romance adolescente, suas reflexões sobre a vida, sempre do ponto de vista de quem precisa lidar com a morte tão próxima e não apenas com a sua doença. Mesmo tendo suas condições de saúde fragilizadas pela doença, Hazel e Gus não deixam de ser adolescentes que sofrem com inseguranças em relação à aparência, ao primeiro amor, à virgindade e ao futuro e que se divertem e “quebram as regras”. Essas características contribuem para uma maior identificação por parte dos leitores, que independentemente de terem ou não a doença, conseguem se enxergar no lugar dos personagens. Da mesma forma, apresentar protagonistas doentes vivenciando experiências comuns a essa fase da vida, desconstrói a percepção limitante que se tem de pacientes com câncer.

Apesar deste livro não ser pioneiro a apresentar uma narrativa endereçada ao público jovem com personagens doentes, o sucesso alcançado por *A Culpa é das Estrelas* contribuiu para a criação de um *nicho* dentro do mercado editorial. Os livros *best-seller* de fantasia não foram totalmente substituídos pelas *sick-lits*, mas passaram a concorrer com livros em que o final feliz está na compreensão dos problemas que envolvem nossas vidas — inclusive, no que diz respeito a nossa saúde — e não em soluções mágicas.

### **Considerações finais**

No cenário da literatura jovem *best-seller* do século XXI é possível identificar uma mudança da temática de romances “água com açúcar” para narrativas mais realistas e dramáticas. Na virada do século, a série *Harry Potter* se tornou o primeiro livro jovem

---

<sup>16</sup> FAQ. John Green. Disponível em: <<http://www.johngreenbooks.com/the-fault-in-our-stars-faq>>. Acesso em: 12/10/2020.

a aparecer nas listas de mais vendidos no Brasil. A jornada do menino órfão de 11 anos que descobre o mundo mágico dos bruxos e vai se transformando ao longo dos sete livros. O leitor acompanha o amadurecimento do personagem e a mudança da narrativa que se torna, ao longa da série, mais densa e sombria. Publicada originalmente no Brasil entre 2000 e 2007 pela editora Rocco, *Harry Potter* segue sua trajetória de sucesso com edições especiais. Os livros somam mais de 500 milhões de exemplares vendidos no mundo, sendo 5 milhões só no Brasil<sup>17</sup>.

A partir de 2012 vários romances *best-sellers* para jovens utilizaram os discursos da biomedicina para tratar das doenças de seus personagens e alguns deles se dirigiam aos leitores. No livro *Os Treze Porquês*, por exemplo, a editora Ática, dedica a última página para divulgar canais de ajuda para leitores que se identifiquem com a personagem que cometeu suicídio. Devido à forte influência do mercado editorial estadunidense, a literatura jovem nacional contemporânea também tem apresentado narrativas com propostas similares. É o caso do *Céu Sem Estrelas*, de Iris Figueiredo, publicado pela Seguinte em 2018. Ao final do livro, após uma consulta com o psiquiatra, a personagem revela que o seu médico suspeita que ela tenha transtorno de personalidade borderline. Mesmo não apresentando um final trágico, em nota, a autora indica uma série de caminhos para os seus leitores buscarem ajuda.

Acreditamos, como salienta o historiador do livro e da leitura Robert Darnton, que “a leitura não é simplesmente uma habilidade, e sim uma maneira de fazer sentido” (1990, p.159). E estamos convencidas de que o significado de um livro não está cristalizado em suas páginas. Ao contrário, ele é construído por seus leitores. Portanto, a categoria de livros que abordam, de diferentes maneiras, doenças diversas — a *sick-lit* —, de um lado busca atender a uma demanda de jovens leitores que enfrentam dificuldades de ordem física e psicológica e buscam, através da leitura, encontrar ajuda, apoio e identificação com os personagens para se sentirem menos sozinhos. Por outro lado, parece que a *sick-lit* também pode ser pensada dentro de um contexto mais amplo da sociedade contemporânea onde não há lugar para a tristeza, a doença, a solidão e muito menos para

---

<sup>17</sup> ISTO É. 20 anos de magia. 08/05/20. Disponível em: <<https://istoe.com.br/20-anos-de-magia/>>. Acesso em: 12/11/2020.

a morte. Esta continua sendo um tabu (RODRIGUES, 2006) e o mercado editorial vem buscando tirá-la da sombra lançando luz para o tema através dessa literatura sobre doença.

## REFERÊNCIAS

- DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ELMAN, J. “Nothing Feels as Real” - Teen Sick-lit, Sadness, and the Condition of Adolescence. **Journal of Literary & Cultural Disability Studies**. Liverpool University Press, vol. 6.2, 2012, p. 175-191.
- GREEN, J. **A Culpa é das Estrelas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.
- LUFT, G. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, n.36, 2010, p.111-130.
- MERTZ, M. P. The New Realism: Traditional Cultural Values in Recent Young-Adult Fiction. **The Phi Delta Kappan**, v. 60, n. 2, oct. 1978, p. 101-105.
- PUBLISHNEWS. **Lista de mais vendidos**. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/ranking>> Acesso em: 16 ago 2020.
- RODRIGUES, J. C. R. **O tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- ROSE, N. Inventando nossos eus. In: SILVA, T. (org.). **Nunca Fomos Humanos** - rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.
- SILVEIRA, R. M.; SILVEIRA, B. R. Doença e juventude na sick-lit. **Em Aberto**. Brasília: v. 32, nº 105, maio/ago. 2019, p. 107-120.
- SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SONTAG, S. **Doença como metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977 [ebook].
- TRAVANCAS, I. O livro como produto midiático e os estudos de recepção. **Contracampo**. Niterói: v. 26, nº 1, abril, 2013, p. 87-105.
- VEJA. **Acervo**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/acervo/>> Acesso em: 16 ago 2020.